



Em cruzada contra “a besta do apocalipse”

**Patrulha Nacional Cristã e a campanha anticomunista no jornal *Gazeta de Alagoas* (década de 1960)**

**MICHELLE REIS DE MACEDO\***

Em 1964, o presidente da República, João Goulart, foi deposto por um golpe de Estado, dando início a um regime autoritário. Em 2015, cinquenta e um anos depois, a historiografia brasileira já acumulou uma vasta produção referente ao tema. Em paralelo, outros espaços sociais vem se preocupando cada vez mais em refletir sobre este passado recente, que deixou feridas profundas ainda não cicatrizadas.

Conforme constatou Andreas Huyssen (2005: 22), a contemporaneidade vive um estado de preocupação permanente com a memória e com traumas causados por terror de Estado. Neste sentido, a lembrança torna-se um dever moral e, conseqüentemente, o esquecimento é entendido como o fracasso da memória. No Brasil, como em outros países que passaram pela experiência de regimes autoritários, lembrar crimes de repressão e tortura cometidos pelo Estado tornou-se sinônimo de justiça e verdade. É inegável a importância do julgamento de tais crimes para a consolidação da democracia no Brasil. Igualmente importante é a investigação histórica sobre os mecanismos de coerção do Estado ditatorial. No entanto, a deflagração do golpe de 1964 e a duração de 21 anos da ditadura brasileira nos remete ao questionamento de uma abordagem dicotômica que coloca Estado e sociedade em lados opostos. Concordo com Denise Rollemberg e Samantha Quadrato (2010: 14) que constatar o apoio social ao golpe de 1964 e à ditadura, mesmo quando se trata de setores populares, não é o mesmo que defender valores autoritários e negar os direitos humanos. Apontar para as bases civis da ditadura militar e do fato histórico que a inaugurou é fundamental para a compreensão das relações entre sociedade e autoritarismo. Também não entendo o apoio social a eventos e instituições autoritárias como mero resultado da repressão e da manipulação. Há mais do que isso. Se houve legitimidade foi porque interesses de significativos setores sociais foram contemplados e/ou representados. Acrescento ainda que os interesses não são apenas materiais, mas também simbólicos. Crenças, visões de mundo, valores morais e religiosos tiveram papel preponderante nas escolhas políticas.

---

\* Professora Adjunta de História do Brasil da Universidade Federal de Alagoas.

No Estado de Alagoas, na década de 1960, a organização chamada Patrulha Nacional Cristã (PNC) escolheu participar ativamente da campanha de desestabilização do governo de João Goulart, movida por uma cultura política baseada nos valores do anticomunismo católico, fortemente presente na sociedade alagoana. Contrária à presidência da República, a PNC empenhou-se em converter a opinião pública e mobilizar a sociedade alagoana contra a ameaça de uma suposta *república sindicalista* coadunada com o comunismo, convencida de que essa era a missão do catolicismo naquele momento. Sob o argumento de *combater a subversão e proteger a civilização cristã*, a PNC elegeu os jornais como mídia privilegiada. No jornal *Gazeta de Alagoas*, o líder patrolheiro Wanillo Galvão Barros publicou, a partir de novembro de 1962, artigos semanais na coluna intitulada “Alerta Brasil!”, com o objetivo pedagógico de alertar os jovens sobre o perigo do comunismo. Enfim, a proposta é refletir acerca do papel da PNC como entidade civil legitimadora do golpe de 1964 e da ditadura que se seguiu, esmiuçando suas estratégias discursivas propagandeadas pela imprensa conservadora de Alagoas.

### **Representações e práticas sociais da PNC**

A Patrulha Nacional Cristã foi uma organização conservadora de combate ao comunismo em Alagoas, propondo uma transformação social em bases espiritualistas. Filiou-se à Confederação dos Centros Culturais da Juventude (CCCJ) em 1952, inserindo-se no contexto de reformulação do movimento integralista pós-1945. Espalhados por diversas regiões do país, os CCJ's eram braços extrapartidários do Partido de Representação Popular (PRP), criado pelo líder integralista Plínio Salgado, que pretendia participar do jogo liberal-democrático após a Segunda Guerra Mundial. Em Maceió, a PNC como um CCJ objetivava formar uma nova geração alagoana dentro dos preceitos do integralismo. Além disso, seu líder, Wanillo Galvão Barros, era um dos 30 membros da Câmara dos Águias Brancas, um grupo auxiliar da cúpula perrepista. Mais tarde, em 1963, criou o diretório regional do PRP em Alagoas. A relação entre Plínio Salgado e Wanillo Galvão ultrapassava o âmbito do político. Em uma das visitas a Maceió, o líder do PRP foi convidado por Wanillo para batizar um dos seus filhos, que recebeu o nome de Plínio em homenagem ao padrinho.

As atividades da PNC eram variadas. Promovia reuniões semanais, cursos de formação, campanhas cívicas, palestras doutrinárias, eventos esportivos e culturais, sempre com o intuito de recrutar jovens. Wanillo preocupava-se com as novas gerações pois acreditava que a juventude formada dentro dos valores cristãos poderia promover uma vida moral e política

3

mais saudável para o país. Portanto, apostou na educação integral, que incluía o desenvolvimento físico, moral, intelectual e religioso dos jovens, e fundou a Escola Normal da PNC em 1960, depois nomeada de Colégio Santa Cruz. Nem todos os alunos eram patrulheiros, mas o colégio era um meio de educar a juventude dentro da doutrina da organização e, claro, angariar adeptos. Além disso, muitas das reuniões aconteciam no próprio espaço do Colégio.

A organização interna da PNC era inspirada no militarismo. Ao serem admitidos, seus integrantes recebiam uma pontuação de valor 10 até chegar à pontuação 100, quando recebia a patente de 3º sargento. A patente mais alta era a de coronel-comandante, que ficava abaixo apenas do Chefe-Maior, Wanillo Galvão. Como saudação, ao encontrar-se uns com outros, perfilavam-se diante do companheiro, pondo a mão direita no peito esquerdo de modo horizontal, dizendo *Mori Cruce*,<sup>1</sup> obedecendo a ordem hierárquica das patentes. Além disso, o fardamento era obrigatório e os treinamentos militares, intensos. Assim como ocorria no Exército, as regras internas da PNC eram rígidas e as punições, severas. Segundo sua Constituição, o patrulheiro seria expulso se não obedecesse às regras e seguisse sua doutrina, frequentasse lugares considerados imorais, traísse os preceitos da organização, não cumprisse com sua obrigação ou não aceitasse alguma penalidade imposta. Valores como ordem, disciplina e respeito à autoridade eram pilares da formação cívica e patriótica dos patrulheiros, características típicas de uma educação autoritária e conservadora.

Os ensinamentos da PNC eram também imbuídos de elementos do catolicismo conservador. Era central em sua base doutrinal a oposição entre espiritualismo e materialismo. Assim como a hierarquia eclesiástica, os patrulheiros consideravam o liberalismo e o comunismo os grandes males que assolavam a sociedade moderna. Inclusive, na região Nordeste, o integralismo recebeu enorme apoio dos maristas e conseguiu mobilizar significativos setores sociais no meio católico (AZZI; GRIJP, 2008: 250). A educação religiosa foi fundamental na formação do pensamento de Wanillo Galvão Barros, que ingressou na Congregação Marista de Maceió em 1944 e, depois, lecionou em colégios maristas de outros estados nordestinos. Portanto, as instruções e ideais da Patrulha assemelhavam-se muito aos fundamentos maristas de educação integral.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> *Mori Cruce* significa “morrer pela cruz”.

<sup>2</sup> O Instituto dos Irmãos Maristas é uma congregação europeia que chegou ao Brasil em 1897, imediatamente após a Proclamação da República, com a missão de evangelizar por meio da educação, fazendo frente ao processo de laicização da educação brasileira.

Inspirada na doutrina social da Igreja Católica Apostólica Romana, a PNC definiu o combate ao comunismo como missão, seguindo as orientações das Encíclicas Papais.<sup>3</sup> Na década de 1960, muitas entidades católicas anticomunistas contribuíram bastante para reforçar o discurso maniqueísta da hierarquia eclesiástica, a ponto de ser possível identificar um conjunto de representações, visões de mundo e valores comuns a estes setores sociais – um imaginário mitológico anticomunista. O mito político da ameaça comunista incorporou a ideia do combate ao inimigo da Igreja de Cristo. Desde sua origem, a Igreja vinha sustentando o discurso da eterna luta do *bem* contra o *mal* e o comunismo seria o adversário mais recente, associado à imagem de Satanás (MOTTA, 2002: 18). Em Alagoas, a PNC manifestava este imaginário por meio de discursos e práticas sociais. Segundo sua doutrina,

*A Patrulha não tem caráter político-partidário. É um Movimento político-espiritualista. É uma “Cruzada” que combate, tenazmente, o Comunismo-materialista e ateu, por se tratar de uma ideologia completamente falsa e errônea, que objetiva a destruição de nossa convicção doutrinária. O Patrulheiro não se deve impressionar com as futilidades do mundo, e sim, com a capacidade dos grandes homens, as virtudes dos santos e a glória do Senhor. O Patrulheiro fará de DEUS a luz que o guiará no meio das trevas, e da VIRGEM MARIA, a espada que destruirá Satanás.*<sup>4</sup>

Apesar de distorcer o real, o mito político não pode ser visto como simples invenção, pois sua matéria-prima é a própria realidade. Embora relida de várias maneiras, a filosofia comunista, em sua origem, negava a existência de Deus, contrapondo-se à essência do cristianismo. Além disso, a moral cristã defendia a harmonia social e o ato de caridade; enquanto o comunismo professava a luta de classes como único meio de alcançar a igualdade absoluta, subvertendo as noções de ordem e hierarquia, pilares básicos do cristianismo católico (MOTTA, 2002: 20). Portanto, não é uma construção de imagens meramente arbitrária; é uma narrativa lendária

---

<sup>3</sup> A doutrina social da Igreja era veiculada pelas Encíclicas Papais, com destaque para o papado de João XXIII (1958-1963), que ratificou e aprofundou a concepção eclesiástica de oposição radical entre catolicismo e comunismo, entre o *bem* e o *mal*. A preocupação em amenizar as mazelas sociais passava pelo interesse de impedir o avanço do comunismo, considerado um agente altamente destrutivo da civilização cristã. Todavia, não se pode afirmar que a doutrina social católica era mera retórica para combater o comunismo; diante do processo de transformação social e das lutas políticas presentes na sociedade brasileira, o catolicismo passou a ter uma visão de fé, de fato, mais preocupada com a justiça social.

<sup>4</sup> *Doutrina e Constituição da Patrulha Nacional Cristã*. Maceió, 15 de novembro de 1952, p. 4. No arquivo privado da PNC, sob controle de D. Rommel, bispo da Igreja Católica Brasileira de Maceió, foram encontradas várias edições deste documento, com datas diferentes. Este trecho foi retirado da mais antiga deles, que provavelmente foi a primeira a ser impressa. As seguintes apresentam mais detalhes, porém o fundamento doutrinário continuou o mesmo.



criada num espaço limitado de possibilidades, embora não tenha contornos precisos. Como explica Raul Girardet (1987: 13), é uma interpretação objetivamente recusável do real, mas tem função explicativa, que parece ordenar o caos dos fatos, contribuindo para a compreensão do presente a partir de uma determinada concepção de mundo. Ao adotar a realidade mítica como objeto de estudo da História, utilizando-se de critérios conceituais e metodológicos, perde-se a dimensão da fé e do sentimento, inerente ao mito político, correndo “o risco de não mais oferecer senão uma imagem fossilizada, seca”, já que só o compreende em sua realidade profunda quem o vive intimamente (GIRARDET, 1987: 23). Por outro lado, viver o mito é um percalço para o processo de operação historiográfica. Saber da impossibilidade de se atingir a plena objetividade histórica não exime o historiador de buscá-la. Não viver o mito político do anticomunismo não é impedimento para a definição histórica da doutrina e das ações da PNC.

Assim como outras organizações anticomunistas nas décadas de 1950 e 1960, a PNC sustentava a ideia do complô maléfico do comunismo. A despeito das diferenças entre elas, as manifestações deste imaginário apresentavam certos traços comuns. O inimigo era constantemente desqualificado por meio de categorias negativas, como crueldade, frieza, oportunismo, pecado violência, morte, miséria e depravação. Ademais, a associação do comunismo à figura do demônio poderia ser de forma direta ou por meio de representações zoomórficas, ou seja, relacionando-o a animais considerados medonhos, desagradáveis ou asquerosos, como serpente, dragão e besta. Baseando-se em explicações biológicas, também caracterizavam os comunistas como corpos doentes e infecciosos, que se infiltravam no organismo social para agredi-lo (MOTTA, 2002: 47-55).

Ao analisar o imaginário anticomunista no Brasil, Rodrigo Pato Sá Motta (2002: 55-62) identifica a ideia de que o comunismo seria incompatível com o Brasil por ser uma ideologia estrangeira. Em tempos de Guerra Fria, os comunistas brasileiros eram acusados de servirem, como agentes mal-intencionados, ao imperialismo soviético, cujo objetivo principal era desintegrar e dividir a nação brasileira, provocando o ódio de classe. O discurso do anticomunismo, neste sentido, combinava-se também a um certo nacionalismo conservador, que pregava a unidade sagrada como fator indispensável ao fortalecimento da Pátria. Uma ameaça externa cada vez mais forte, sobretudo após a Revolução Cubana, que exigia a união e o esforço de luta de todos os *bons* cidadãos brasileiros. Em Alagoas, a PNC acreditava trabalhar intensamente em prol da nação:

*A Patrulha Nacional Cristã já está inteiramente comprometida com a PÁTRIA; na luta contra o Comunismo e na defesa da soberania Nacional; e, com DEUS: em espalhar os ensinamentos de CRISTO, provando que, somente Ele, é a Luz do mundo, o Caminho, a Verdade e a Vida.*<sup>5</sup>

Num processo dinâmico de construção de imagens, o sistema de símbolos anticomunistas da PNC é, ao mesmo tempo, informado e informante deste imaginário mitológico, que se torna “inteligível e comunicável através da produção dos discursos nos quais e pelos quais se efetua a reunião das representações coletivas numa linguagem” (BACZKO, 1985: 311). Ao acioná-lo, pretende-se legitimar uma certa *verdade* sobre o inimigo; e, este, por sua vez também produz uma visão de mundo concorrente. Sobretudo em momentos de crise política, a disputa de representações é fundamental para se compreender processos históricos, até porque o mito político também tem poder de mobilização e impulsiona as pessoas a agirem.

No Brasil, a década de 1960 foi um período de ânimos acirrados, que provocavam disputas ideológicas e, até mesmo, conflitos corporais. A própria estrutura organizacional da PNC comportava o chamado Departamento de Ação, que preparava os patrulheiros para as campanhas cívicas e treinava os membros da Turma de Patrulheiros Especializados para o embate direto. Muitos foram os momentos de conflitos entre patrulheiros e jovens de esquerda, nem sempre comunistas.

Como pano de fundo, o contexto externo de Guerra Fria caracterizava-se pela disputa ideológica entre capitalismo e socialismo. Na América Latina, os conflitos acirraram-se principalmente após a Revolução Cubana de 1959. Eufóricas, as esquerdas apostavam na propagação e no sucesso dos ideais da Revolução. Nacionalismo, traduzido pela luta contra as forças imperialistas, e reformismo, exigindo mudanças sociais profundas, davam o tom aos seus discursos. No Brasil, à medida que estas ideias atingiam os ânimos populares, os setores conservadores alarmavam-se cada vez mais, temendo a suposta “ameaça comunista”. Progressivamente o significado de política foi se associando a confronto de forças. Neste contexto nada amistoso seria difícil resolver as divergências pelo diálogo (REIS, 2005:12-18). Em conformidade com a estratégia da ação direta, desencadearam-se intensos movimentos sociais: greves econômicas e políticas, protestos, manifestações, comícios e invasões de terra. Em meio aos embates, o presidente João Goulart hesitava entre apoiar uma proposta limitada de reformas sociais ou ceder às pressões das esquerdas radicais. Seu objetivo era construir

---

<sup>5</sup> *Doutrina e Constituição da Patrulha Nacional Cristã*. Maceió, 15 de novembro de 1952, p. 14.

uma base de centro para seu governo a partir da reestruturação da aliança entre o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Mas nenhuma das partes estava disposta a negociar. Nas ruas, as acusações das esquerdas ao Presidente em manter a aliança do PTB com o PSD no Congresso ganhavam contornos contundentes. A partir daí, alternativas de luta extraparlamentares passaram a ser prioridade nos discursos e práticas políticas deste grupo. Por outro lado, as organizações anticomunistas ganhavam fôlego, adquirindo mais espaço e simpatia na sociedade. A finalidade principal era denunciar uma suposta infiltração comunista no governo federal e a iminência de uma intervenção do imperialismo soviético, que, segundo estes grupos, levariam à derrocada os valores democráticos, cívicos, cristãos e familiares da sociedade brasileira. Apesar de defender a bandeira democrática contra o comunismo, havia uma grande falta de compromisso com a democracia efetiva. Alguns grupos dedicavam-se apenas à propaganda anticomunista; porém outros preferiam o combate direto. Há até mesmo indícios de envolvimento com contrabando de armas por parte de grupos terroristas (MOTTA, 2002: 239).

O processo de radicalização atingiu diversas regiões do país e cada estado adquiria seu próprio tom. Em Alagoas, já em 1957, a tentativa de golpear a democracia ganhou contornos expressivos com o caso do tiroteio na Assembleia Legislativa envolvendo simpatizantes e opositores do governador Sebastião Muniz Falcão, que representava o projeto trabalhista no estado. Apesar da tentativa de impeachment da oposição udenista, Muniz Falcão saiu vitorioso, concluindo seu mandato até 1960, com significativo prestígio popular (TENÓRIO: 1995). Mas, em 1960, devido à divisão das forças situacionistas, o bloco conservador, liderado por Luiz Cavalcante, acabou vencendo as eleições. Cavalcante era um opositor contundente do governo João Goulart e foi um dos principais porta-vozes do golpe civil-militar em Alagoas. Sua postura autoritária e seus discursos anticomunistas atingiam diretamente o movimento operário e os membros do PCB. Eufóricos com as conquistas trabalhistas da década anterior, muitos trabalhadores tornaram-se protagonistas nos movimentos sociais, seguindo uma tendência nacional (COSTA, 2011: 237). Greves de operários, manifestações de camponeses, atuações de comunistas e do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) sofreram intensa represália por parte dos usineiros e de autoridades políticas alagoanas. A onda de prisões já acontecia em Alagoas até mesmo antes do golpe.

No âmbito nacional, o cerco fechava-se em torno de João Goulart. Assustados, os pessedistas afastavam-se cada vez mais do presidente e aproximavam-se da UDN, partido opositor ao governo Jango. Pressionado, o presidente acabou optando pela estratégia das esquerdas,

embora ainda se esforçasse para evitar a quebra da ordem institucional. O marco dessa escolha foi o comício na Central do Brasil, em 13 de março de 1964, no Rio de Janeiro. Diante de uma multidão, o presidente anunciou as reformas de base, levando os conservadores ao medo.

Enquanto a conspiração anti-Jango ganhava contornos mais definidos, em Maceió, no dia 29 de março de 1964, uma manifestação pró-reformas de base ocorreu no centro, organizada por estudantes e membros do CGT. A intenção era realizar um comício no parque Rodolfo Lins, mas foi impedido pelo governo estadual com a justificativa de evitar o conflito com o Movimento Feminino Pró-Democracia, que realizaria um manifesto de repúdio ao comício. A manifestação foi duramente combatida e os líderes presos (MEDEIROS, 2007:140).

Naquela altura dos acontecimentos, o objetivo, tanto das direitas golpistas quanto das esquerdas radicais, era alcançar suas metas políticas, mesmo que, para isso, fosse necessário sacrificar a ordem democrática. Em meio ao acirramento do conflito, a direita civil-militar depôs João Goulart em 31 de março de 1964. Para os contestadores daquela ordem estabelecida, uma dura realidade se abateu no país: liberdades cerceadas, prisões, banimentos, repressão, mortes, torturas, exílios. O governador Luiz Cavalcante não hesitou em respaldar os conspiradores que depuseram João Goulart e decretou a prisão de muitos sindicalistas, estudantes e comunistas. A PNC, por sua vez, também apoiou o golpe civil-militar e, logo depois, foi considerada instituição de utilidade pública pelo poder Legislativo de Alagoas. O contundente discurso anticomunista do catolicismo, do governo do estado e da grande imprensa contribuiu para que significativos setores da população de Alagoas recebessem o golpe de forma positiva. Essa adesão refletiu o forte conservadorismo já presente na sociedade alagoana.

### **Alerta Brasil!**

Neste contexto de lutas políticas, a Igreja Católica empenhava-se em fortalecer sua presença na sociedade. Uma das estratégias era incentivar as lideranças leigas a auxiliar o episcopado nacional na batalha anticomunista, seja por meio de práticas políticas, seja por meio de pronunciamentos. Assim como em outros estados brasileiros, em Alagoas, a Igreja possuía grande prestígio social que lhe permitia acesso aos meios de comunicação. Portanto, muitos articulistas católicos conquistaram espaço na grande imprensa, expondo seus pontos de vista religiosos e políticos. O líder da PNC foi um deles. Wanillo Galvão Barros atuou na *Rádio Educadora Palmares*, mantida pela Igreja Católica, com o programa “Sentinelas da Pátria” e



na *Rádio Gazeta de Alagoas*, sob direção do político, ex-governador de Alagoas e então senador, Arnon de Mello, com o programa “Alerta Brasil!”. No jornal *Gazeta de Alagoas* também atuou, como articulista, numa coluna semanal de mesmo nome do programa radiofônico a partir de 28 de novembro de 1962.<sup>6</sup>

Por meio das páginas do jornal, Wanillo divulgou seus ideais religiosos e políticos, dentre eles o mito da ameaça comunista, contribuindo para o processo de desestabilização do governo de João Goulart. Enquanto representante do ideário católico em Alagoas, preocupou-se em expandir sua visão de mundo e tentar legitimar uma certa *verdade* sobre o comunismo em contraponto ao tipo de sociedade que ele considerava ideal, baseada em valores cristãos. Já no artigo de abertura da coluna, Wanillo agradeceu ao senador Arnon de Mello pelo espaço concedido em seu jornal e explicitou seus propósitos em:

*continuar educando a Juventude Brasileira dentro dos princípios doutrinários da Patrulha Nacional Cristã, princípios estes, baseados nas páginas sacrossantas do Evangelho de Deus e na respeitável tradicionalidade das nossas instituições democráticas. [...] Caros leitores, esta coluna semanal será uma contribuição para o aprimoramento educativo da mocidade alagoana e será mais um brado de alerta contra o perigo vermelho que, ora, ameaça a civilização do mundo Ocidental.*<sup>7</sup>

Conforme constatou Rodrigo Motta (2002: 76-84), a partir da chamada Intentona Comunista de 1935, o comunismo deixou de ser uma abstração e adquiriu perfil definido, fornecendo argumentos para o imaginário mitológico anticomunista. Inclusive a própria expressão “intentona” usada pela memória oficial foi uma estratégia para desqualificar o episódio histórico. Portanto, instituições, organizações e grupos anticomunistas passaram a rememorar o evento todos os anos, no dia 27 de novembro, em homenagem aos militares *patriotas* mortos pelos comunistas, *traidores da nação*. A PNC adotou esta memória e participava de atos públicos em comemoração à data; portanto, já na primeira coluna do “Alerta Brasil!”, Wanillo aproveitou o ensejo para lembrar:

*o trágico 27 de novembro de 1935: triste acontecimento na história do Brasil. trata-se da Intentona Comunista, atentado frio e covarde, promovido por maus patrícios*

<sup>6</sup> Os artigos originais escritos por Wanillo Galvão para o jornal *Gazeta de Alagoas* estão datilografados e datados, guardados em uma pasta em ordem cronológica, no arquivo privado da PNC, hoje sob controle do seu filho D. Rommel. Portanto, com a permissão de D. Rommel para a pesquisa, o acesso aos artigos foi feito por meio dos originais datilografados e não nas páginas das edições publicadas.

<sup>7</sup> Manuscritos de Wanillo Galvão Barros. Maceió, 28 de novembro de 1962.

*contra a Democracia deste País. Jamais ficará esquecido tão nefando estigma que veio ferir o âmago de uma gente ordeira e pacata, cujo passado de lutas heroicas em prol da Liberdade já se transformou em verdadeiro estandarte de glórias do povo brasileiro. E as hordas vandálicas do Comunismo-ateu, na sua índole satânica de querer dominar o mundo e tolher a autodeterminação dos povos, visava, naquele dia, jogar a Nação no pântano mefítico do Bolchevismo. É uma efeméride que assinala um capítulo vergonhoso nos anais da nossa história política. E, ontem, a Patrulha Nacional Cristã, respeitando e exaltando a memória daqueles que tomaram em defesa da Democracia, rendeu-lhes uma justa e patriótica homenagem.<sup>8</sup>*

O ato de relembrar o fato passado como uma vergonha e uma traição tinha como objetivo alimentar os valores anticomunistas entre os patrulheiros. Para ressaltar a suposta *covardia* e o *desvio de caráter* dos comunistas, Wanillo Galvão contava a versão de que os militantes da Intentona Comunista entraram nos quartéis na calada da noite e atacaram os militares enquanto dormiam. Um relato repetido ano após ano que reatualizava o sentimento de repulsa aos comunistas, sobretudo na década de 1960.

Em seus discursos, Wanillo Galvão identificou o problema: uma sociedade hodierna em crise, cujos valores morais e cristãos encontravam-se ameaçados. No Brasil, a crise moral estaria depreciando cada vez mais a política e a economia brasileira. A alta dos preços, as dificuldades de comércio, a corrupção e a falta de vergonha das autoridades políticas eram, para Wanillo, sinais de fins dos tempos. Suas conclusões escatológicas previam multidões desenfreadas, praticando atos de vandalismo, roubos e mortes. Para um futuro muito próximo, apontava consequências trágicas:

*É quase que inevitável a hecatombe que ameaça exterminar a parte sadia da civilização atual, apelidada de civilização cristã. Digo apelidada, porque a civilização contemporânea vive os dias do Materialismo que sufoca o espírito religioso natural que o homem possui. [...] Estamos vivendo o século da sinuosidade e da tergiversação do espírito. E é por isso mesmo que ficamos meio apavorados com a decrepitude moral, vazia de conteúdo ideológico e espiritual, da chamada juventude “coca-cola”.<sup>9</sup>*

---

<sup>8</sup> Manuscritos de Wanillo Galvão Barros. Maceió, 28 de novembro de 1962.

<sup>9</sup> Manuscritos de Wanillo Galvão Barros. *Juventude coca-cola*. Maceió, 19 de fevereiro de 1963.

No trecho acima, assim como em vários outros artigos, o líder da PNC marca seu público alvo. Apesar de se dirigir à sociedade como um todo, seu foco são os jovens por considerá-los mais vulneráveis aos cantos sedutores da modernidade. Imatura, esta geração estaria perdida na apatia do mundo da diversão, da cachaça, das drogas e do sexo promíscuo e o maior responsável por essa juventude desvairada seria o materialismo comunista, que estaria solapando o espírito humano. Era comum no pensamento anticomunista, a associação do comunismo ao comportamento devasso, que estaria transgredindo moralmente um dos principais pilares dos valores cristãos: a família. Portanto, para Wanillo, a (re)socialização destes jovens dentro dos padrões de conduta cristãos era urgente e necessário, afastando-os da imoralidade comunista. Seguindo esta lógica, a PNC recrutava jovens para cumprir sua parte, por meio da educação, no processo de reversão do estado paganizado em que se encontrava a sociedade brasileira.

Era comum no pensamento do anticomunismo católico a associação entre capitalismo e comunismo, ambos considerados frutos nefastos do processo de secularização da modernidade. Em diversos artigos, Wanillo Galvão acusa o capitalismo de gerar crises na produção e no consumo, de impulsionar as pessoas à conquista do lucro a qualquer custo. E o comunismo estaria se alimentando da selvageria capitalista, estimulando revoltas e provocando caos e convulsão social. No entanto, em período de radicalização do clima de Guerra Fria, Wanillo Galvão não hesitou em escolher um lado. Por ocasião de críticas de universitários de esquerda à PNC, Wanillo, indignado, rapidamente identificou a origem do ato: “isso é o resultado do Agnosticismo intoxicante, do Materialismo atrofiador e do Ateísmo Militante de Karl Marx”. Segundo Wanillo, os estudantes o acusaram de ter o “coração verde”, provavelmente por ser integralista. Embora a expressão tivesse objetivo de desqualificá-lo, o líder patrulheiro não negou a origem ideológica de suas pregações, mas fez questão de desassociá-lo do nazismo, que foi condenado após a Segunda Guerra Mundial.

*Sinto o pulsar “verdejante” do meu coração, esperançoso em destruir o símbolo da Swástica que, também, como a “Foice” e o “Martelo”, representa o sufocamento da Democracia. Nazismo e Comunismo são irmãos, que se degladiaram durante a II Guerra Mundial, mas são filhos legítimos do mesmo pai: o Socialismo de Marx. [...] Em face da conjuntura Internacional, discordamos do Neutralismo comodista e covarde. Como Latino-americanos, democratas e, sobretudo, cristãos, ficamos ao lado dos Estados Unidos da América do Norte que, indubitavelmente, tem suas grandes falhas; mas forma, atualmente, o grande bloco continental de solidariedade*

*humana na luta contra a Besta do Apocalipse, a República Soviética Federativa Socialista da Rússia.*<sup>10</sup>

Aproximar o comunismo do nazismo foi uma estratégia bastante utilizada por Wanillo para confirmar o caráter totalitário do seu adversário. Seus discursos alertavam para o risco que a democracia estava correndo diante da infiltração comunista na sociedade, provocando incontáveis greves, “das quais 80% são de caráter subversivo”, e abrindo espaço para o “momento oportuno histórico de Karl Marx”.<sup>11</sup> No segundo semestre de 1963, o contexto de intensa agitação política e grevista era identificado por Wanillo Galvão o início de uma iminente guerra fratricida. O momento, para ele, era de escolha: “Democracia ou Comunismo; Espiritualismo ou Materialismo; Deus ou Satanás”.<sup>12</sup> E escolher a salvação da Democracia significava estar pronto para o combate, cerrando fileiras em torno da “cruzada cívica e cristã” em luta contra a *Besta do Apocalipse*.

Ao entrar o ano de 1964, o chamamento do líder da PNC para a luta “de vida ou morte” se intensificou. Para ele, os democratas cristãos e patriotas deveriam ficar vigilantes e preparados para serem convocados a qualquer momento, pois o governo *fraco e suicida* de João Goulart concedera espaço para os comunistas tramarem o ataque. Embora bradasse em nome da democracia, o discurso de Wanillo desqualificava o sistema democrático-representativo ao propor a deposição do presidente. Caracterizava pejorativamente o governo brasileiro de *pelego-comuna-nacionalista*, que “em nome da liberdade, da qual se apresenta como paladino, permite a infiltração e a propaganda de todas as ideias, mesmo as que visem sufocar a liberdade e destruir a democracia”. Segundo Wanillo, o governo federal estava mergulhado em “comodismo, hipocrisia e politicagem.”<sup>13</sup> Era preciso agir rapidamente. Acreditava que a PNC já estaria cumprindo sua missão cívica e cristã, “denunciando os planos macabros dos golpistas” e, mesmo sob “ameaças de extermínio”, os patrulheiros continuavam “firmes e audazes no prosseguimento desta peleja pela qual nos empenhamos até a morte”.<sup>14</sup>

<sup>10</sup> Manuscritos de Wanillo Galvão Barros. *Coração “verde”*. Maceió, s/d. No arquivo, os manuscritos dos artigos para a coluna “Alerta Brasil!” estão numerados e organizados por ordem cronológica dentro de uma única pasta. Portanto, observando as datas de artigos anteriores e posteriores a este, é provável que ele tenha sido escrito na primeira semana de fevereiro de 1963.

<sup>11</sup> Manuscritos de Wanillo Galvão Barros. *Grito de Alarme*. Maceió, 27 de outubro de 1963.

<sup>12</sup> Manuscritos de Wanillo Galvão Barros. *Anticapitalismo*. Maceió, 17 de novembro de 1963.

<sup>13</sup> Manuscritos de Wanillo Galvão Barros. *Governo fraco e suicida*. Maceió, 12 de fevereiro de 1964.

<sup>14</sup> Manuscritos de Wanillo Galvão Barros. *Toque de reunir*. Maceió, 22 de março de 1964.



Após o golpe civil-militar na noite de 31 de março de 1964, o líder patrulheiro sentia-se aliviado, pois “o presidente da República que traiu sua Pátria, comprometendo-se com o comunismo internacional” e acreditando na vitória de “sua pretensa e malsinada república sindicalista”, fora deposto. De acordo com sua avaliação, se João Goulart concretizasse suas ideias, “a degradação, a violência, o vilipêndio, a chacina e toda a sorte de miséria humana cairia nesta terra”. Mas Deus, com ajuda dos católicos, impedira o desastre.<sup>15</sup>

Os patrulheiros sentiam-se orgulhosos pela missão cumprida e por ter sido Alagoas o primeiro estado do Nordeste a aderir à intervenção militar, conforme acreditavam. Juntamente com outros setores civis da sociedade alagoana, a PNC participou da passeata para celebrar a vitória e, logo depois, da missa em ação de graças celebrada pelo Arcebispo Metropolitano, D. Adelmo Machado. Atuou também na invasão da sede do jornal do PCB, *A Voz do Povo*, que teve seus equipamentos quebrados, jogados na rua e queimados. Mas, para os patrulheiros, a batalha dos seguidores de Cristo deveria continuar, já que muitos comunistas ainda estariam disfarçados, formando redes de espionagem. Sendo assim, a PNC manteve suas atividades e compôs o grupo político-social em Alagoas que serviu de sustentáculo civil para a ditadura.

Ao fazer um balanço do golpe três meses depois, Wanillo Galvão cobrou dos “chefes revolucionários” o endurecimento do regime. Para ele, o Congresso deveria ser imediatamente fechado e os partidos reduzidos. Mesmo ainda não sendo o ideal, Wanillo confessou que o principal já havia sido feito: “o afastamento do comunismo e o desmembramento do império da corrupção.” A recuperação do Brasil estaria sendo feita gradativamente pelas mãos do presidente Castelo Branco, que lhe inspirava bastante confiança, por ser um “homem esclarecido, patriota e autêntico herdeiro de Caxias”.<sup>16</sup> Entretanto, Wanillo estava apreensivo porque Jango fora deposto mas deixara seus “elementos do peito” nos “bastidores peleguistas do Congresso”, que estariam usando astutamente “a arma perigosa” do *habeas corpus*. Em suas palavras, eram “todos, declaradamente, comunistas ou corruptos; comuno-negociatas ou simplesmente maus brasileiros”. Acreditava que um movimento contrarrevolucionário estaria em marcha e precisava ser detido.<sup>17</sup> Sendo assim, Wanillo desejava uma reforma na Lei de Segurança Nacional, de modo a torná-la mais rígida, e o fim do *habeas corpus*, além de desaconselhar a

---

<sup>15</sup> Manuscritos de Wanillo Galvão Barros. *Serventes da traição*. Maceió, 12 de abril de 1964.

<sup>16</sup> Manuscritos de Wanillo Galvão Barros. *A Revolução de 31 de março*. Maceió, 26 de julho de 1964.

<sup>17</sup> Manuscritos de Wanillo Galvão Barros. *Contra-revolução em marcha*. Maceió, 10 de agosto de 1964.

realização do processo eleitoral para governadores de onze estados. Dizia-se apreensivo porque os dirigentes da nação estavam “deixando de reprimir com severidade, os abusos, desordens, agitações e quaisquer outros planejamentos dos remanescentes da República Sindicalista, temerosos de serem vistos como ditadores.”<sup>18</sup>

Mais adiante, a ditadura foi fechando o cerco e Wanillo Galvão, juntamente com os patrulheiros, aplaudia de pé. A PNC, portanto, sentia-se responsável pelo patrulhamento da sociedade alagoana. Em um dos relatórios da PNC, foram encontradas descrições minuciosas sobre atividades de supostos *subversivos*. Professores universitários, estudantes, jornalistas, intelectuais, padres progressistas, enfim, os chamados “elementos perigosos” de Alagoas eram vigiados por membros da Patrulha e, provavelmente, entregues a órgãos do governo. Ao final do relatório, datado de 30 de junho de 1967, foi feita uma análise das informações obtidas:

*Seria inqualificável engano de muitos o pensarem já extinto o comunismo em Alagoas. Isto, nem por sombra, deve trazer-se em mente. [...] O comunismo está vivo. Age com inteligência e perseverança, com destreza e sabedoria. A sua sagacidade é tanta que engana os incautos, e em tudo faz sentir-se presente, só não percebendo isto os cegos, os tolos, os que se enganam com suas aparências simulares, sem prévio estudo das maneiras, pelas quais se apresentam, com suas palavras de costume, insultuosas aos Homens que dirigem o destino da Pátria. Não é somente com a ajuda militar que se extinguirá o comunismo que ainda se sabe em vários setores da atividade humana, senão com o trabalho assíduo dos brasileiros patriotas, com a pregação de cátedra pelos mestres das escolas públicas, das Universidades, com os programas de rádio, despertando o amor cívico dos brasileiros, é com a voz da imprensa que é preponderável fatos das boas causas, e é com a doutrinação das sociedades patrióticas. A verdade indiscutível é que, depois da Revolução de março de 1964, o que devemos fazer, ora por diante, é pregar o vismo (sic) aos brasileiros, despertar-lhes na alma todo o alcandoramento de amor à Pátria. Precisamos alertar o povo falando, e combater sem trégua toda e qualquer ação comunista, seja de forma se apresente.<sup>19</sup>*

## Considerações finais

<sup>18</sup> Manuscritos de Wanillo Galvão Barros. *Expiração do Ato Institucional*. Maceió, 04 de outubro de 1964.

<sup>19</sup> *Relatório da Patrulha Nacional Cristã*. Maceió, 30 de junho de 1967. Até o momento, apenas este relatório foi encontrado no arquivo. Há indícios de que foi feito para ser entregue ao Serviço Nacional de Informações (SNI) da ditadura. No entanto, esta informação ainda não foi confirmada.

Em 1969, Wanillo Galvão de Barros rompeu com a Igreja Católica Apostólica Romana e tornou-se sacerdote da Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB), dissidência de Roma. Em menos de dois anos, foi nomeado o primeiro bispo de Maceió da ICAB. Alguns indícios mostram que um dos motivos da ruptura foi a insatisfação do líder da Patrulha com o crescimento de setores da esquerda católica nos quadros da Igreja Romana. Mesmo o líder ocupado com as atividades da ICAB, a PNC continuou atuando, embora com menos frequência. Wanillo permaneceu propagando seus ideais ultraconservadores, tanto na imprensa quanto nos púlpitos. A desarticulação da PNC, não por acaso, ocorreu a partir de fins da década de 1970, quando o regime militar começou a dar sinais de crise.

Muito jovens alagoanos foram formados na PNC, dentro dos preceitos do catolicismo conservador e anticomunista, moldando seus pensamentos e comportamentos. Mas também podemos afirmar que a PNC foi produto do contexto em que atuou. Por um lado, a PNC enquanto organização apresentava-se como articuladora de um imaginário mitológico anticomunista, por outro, refletia traços do conservadorismo católico presentes na sociedade alagoana. Portanto, analisar a atuação política e social da PNC nos permite compreender crenças, valores e práticas sociais construídos historicamente em Alagoas e que favoreceram uma recepção positiva do regime militar entre significativos setores da sociedade alagoana.

Voltando à reflexão de Huyssen, “a memória política em si não pode funcionar sem o esquecimento” (2005: 25). Ou seja, o ato de lembrar vem sempre acompanhado do ato de esquecer; ambos parte do trabalho de memória. Portanto, cabe ao historiador tentar compreender estes dois mecanismos de memória. No Brasil, o apoio civil ao golpe e à ditadura foi durante algum tempo silenciado, até pela dificuldade social de lidar com esse passado tão recente. Mas acredito que enfrentar este fato e tentar compreendê-lo é tão importante quanto denunciar os crimes cometidos pelo Estado ditatorial.

### **Bibliografia**

AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da igreja no Brasil**: ensaios de interpretação a partir do povo. Terceira época: 1930-1964. Petrópolis: Vozes, 2008.

BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social”. In: LEACH, Edmund el alli. **Anthropos-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

COSTA, Rodrigo José. “Repressão e resistência dos movimentos sociais em Alagoas (1961-1964)”. **Revista Crítica Histórica**. Ano II, nº 4, Dezembro/2011.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HUYSSSEN, Andreas. “Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público.”. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia Virgínia (orgs). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005.

MEDEIROS, Fernando Antônio Mesquita de. **O homo inimicus: Igreja católica, ação social e imaginário anticomunista em Alagoas**. Maceió: EdUFAL, 2007.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**. O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz. “Apresentação”. In: **A construção social dos regimes autoritários**. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX (Brasil e América Latina). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **A tragédia do populismo: o impeachment de Muniz Falcão**. Maceió: EUFAL, 1995.